

# HABITAÇÃO, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA: REVELANDO MODOS DE MORAR MODERNO NA METRÓPOLE PAULISTANA

*Sabrina Studart Fontenele Costa*

## Resumo

Este trabalho busca compreender os espaços de morar da cidade de São Paulo a partir de seus projetos e da preservação de sua memória. Debruça-se de maneira mais específica sobre os primeiros apartamentos duplex modernos buscando compreender a organização espacial dos conjuntos habitacionais, o perfil de seus moradores e as transformações que sofreram ao longo de décadas de uso, tendo como objetos de estudo específico os edifícios Esther e Eiffel. Para tanto, busca-se aproximar as questões de conservação dos espaços físicos com o cotidiano de seus usuários, a partir das memórias de seus moradores. Assim, a análise dos projetos, o levantamento do perfil de seus moradores e da maneira como ocorre a ocupação dos espaços modernos se colocam como interesse principal. Neste sentido, foram utilizadas fontes de pesquisa diversas, como fotografias, anúncios de jornais e revista, associadas ao trabalho de campo e aos recursos da história oral, de maneira a ampliar a discussão sobre as possibilidades de associar à memória dos moradores à preservação desses bens culturais, realizando uma análise mais ética do que estética do campo do restauro e da historiografia da preservação.

**Palavras-Chave:** habitação; arquitetura moderna; preservação; memória; domesticidade.

## Abstract

This work seeks to understand the living spaces of the city of São Paulo from its projects and the preservation of its memory. It focuses more specifically on the first modern duplex apartments seeking to understand the spatial organization of housing developments, the profile of its residents and the changes they have undergone over decades of use, with Esther and Eiffel. To do so, it seeks to approach the issues of conservation of physical spaces with the daily life of its users, based on the memories of its residents. Thus, the analysis of the projects, the survey of the profile of its inhabitants and the way in which the occupation of modern spaces takes place are the main interest. In this sense, various sources of research were used, such as photographs, newspaper and magazine advertisements, associated with the field work and the resources of oral history, in order to broaden the discussion about the possibilities of associating with the memory of the residents the preservation of these goods cultural studies, performing a more ethical analysis than the aesthetics of the field of restoration and the historiography of preservation.

**Keywords:** housing; modern architecture; preservation; memory; domesticity.

## Resumen

Este trabajo busca comprender los espacios de vivir de la ciudad de São Paulo a partir de sus proyectos y de la preservación de su memoria. Se centra de manera más

específica sobre los primeros apartamentos dúplex modernos buscando comprender la organización espacial de los conjuntos habitacionales, el perfil de sus habitantes y las transformaciones que sufrieron a lo largo de décadas de uso, teniendo como objetos de estudio específico los edificios Esther y Eiffel . Para ello, se busca aproximar las cuestiones de conservación de los espacios físicos con el cotidiano de sus usuarios, a partir de las memorias de sus habitantes. Así, el análisis de los proyectos, el levantamiento del perfil de sus habitantes y de la manera como ocurre la ocupación de los espacios modernos se plantean como interés principal. En este sentido, se utilizaron fuentes de investigación diversas, como fotografías, anuncios de periódicos y revistas, asociadas al trabajo de campo ya los recursos de la historia oral, de manera a ampliar la discusión sobre las posibilidades de asociar a la memoria de los habitantes a la preservación de esos bienes culturales, realizando un análisis más ético que estético del campo de la restauración y de la historiografía de la preservación.

**Palabras-Clave:** alojamiento; arquitectura moderna; preservación; memoria; domesticidad.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre a preservação da arquitetura moderna tem mais de trinta anos, mas a atribuição de valor das obras modernas ainda não está incorporada na discussão cotidiana de seus usuários. Este trabalho busca compreender os espaços de morar da cidade de São Paulo a partir de seus projetos e da preservação de sua memória. Debruça-se de maneira mais específica sobre os primeiros apartamentos duplex modernos buscando compreender a organização espacial dos conjuntos habitacionais, o perfil de seus moradores e as transformações que sofreram ao longo de décadas de uso. Trataremos de exemplares consagrados pela historiografia da arquitetura e reconhecidos como patrimônio oficial da cidade de São Paulo, seja pelo projeto arquitetônico, pela relevância de seus autores e pela localização na área central.

O edifício Esther foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) em 1990 com a justificativa de “constituir um profundo marco na paisagem e na história da arquitetura paulista por se tratar de um projeto de desenho coeso e consequente de princípios funcionalistas desenvolvidos com profundidade e alto padrão formal, num excelente equacionamento de todos os aspectos do programa” (Resolução 25 de 24/08/1990). Em 1992, ele foi tombado também pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da

Cidade de São Paulo (Conpresp, Resolução 31/1992). Já no caso do edifício Eiffel, o tombamento inicial se deu pela inserção no Perímetro de Tombamento do Anhangabaú e a pesquisa revela que os moradores atuais reconhecem as qualidades da organização espacial e de sua localização, inclusive muitos deles têm a consciência dos cuidados que devem ter em relação a sua conservação.

Tão interessante quanto compreender esta materialidade da obra, é analisar como a questão do morar – tão defendido e propagado pelos primeiros arquitetos vinculados ao movimento moderno – é compreendido e foi transformado nos últimos anos. Assim, este trabalho – fruto de uma pesquisa de pós-doutorado<sup>1</sup> mais ampla sobre os apartamentos duplex – busca estabelecer um diálogo entre desenho, construção e apropriação de espaço que contribua para a preservação dos edifícios e das memórias a ele relacionadas.

Neste sentido, a história oral entra como ferramenta fundamental para esta pesquisa ao trazer experiências e lembranças daqueles que moraram nos edifícios e ao incentivar outras possibilidades de abordar o patrimônio cultural. Para tanto, foram realizadas diversas entrevistas entre junho de 2016 até abril de 2018 tentando levantar o perfil dos moradores, assim como as diferentes formas de ocupação e as transformações dos espaços decorrentes dos padrões contemporâneos de domesticidade. Para melhor sistematizar as respostas e ajudar na comparação dos dados obtidos,

foram elaboradas fichas de entrevista com perguntas específicas aos moradores de cada um dos objetos de estudo. As perguntas foram agrupadas de acordo com três objetivos principais: traçar o perfil dos ocupantes dos apartamentos, entender a relação dos entrevistados com o edifício e com o Centro de São Paulo e melhor compreender as reformas feitas no apartamento ao longo dos anos. Para tanto, registrou-se também em planta as modificações ocorridas nos apartamentos dos entrevistados, comparando-se situação atual dos apartamentos aos desenhos originais.

As entrevistas se colocaram como uma oportunidade de ouvir os moradores dos espaços construídos expressar suas opiniões, julgamentos e pontos de vista a cerca do lugar que habitam, usam e disfrutam diariamente. Ou, como afirma Graciela de Garay:

*Los usuarios, con todas sus experiencias de vida e su sentido común, nunca aparecen citados en las paginas eruditas de la historia del arte, y si alguna vez son incluidos, sus referencias sirven, en la mayoría de los casos, para ilustrar los problemas sociales que señala el académico, ya sea para demostrar las deficiencias intrínsecas del proyecto o la incapacidad de sus habitantes para usar y cuidar la arquitectura. (GARAY, 2002, p. 09).*

Tendo em vista que a história da preservação ainda carece de estudos que aproximem as questões de conservação dos espaços físicos com o cotidiano

de seus usuários, esta proposta busca compreender esses conjuntos multifamiliares a partir das memórias de seus moradores. Tenta ainda entender como se dá a preservação desses espaços físicos, que adaptações foram realizadas de maneira a atender às demandas da vida atual e quem são os moradores desses espaços tão característicos de um modo de vida vinculado a meados do século XX. Assim, a análise dos projetos, o levantamento do perfil de seus moradores e da maneira como ocorre a ocupação dos espaços modernos se colocam como interesse principal. Neste sentido, foram utilizadas fontes de pesquisa diversas, como fotografias, anúncios de jornais e revista, associadas ao trabalho de campo e aos recursos da história oral, de maneira a ampliar a discussão sobre as possibilidades de associar à memória dos moradores à preservação desses bens culturais, realizando uma análise mais ética do que estética do campo do restauro e da historiografia da preservação.

## O ACERVO MODERNO DO CENTRO DE SÃO PAULO: CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO

Entre o início da década de 1930 e o final da década de 1950, a cidade de São Paulo sofreu um surto de empreendimentos imobiliários no Centro que se relacionava diretamente com a questão da metrópole em desenvolvimento. As vias abertas e alargadas pelo Plano de Avenidas de Prestes Maia, os terrenos

<sup>1</sup> A realização desta pesquisa conta com o apoio fundamental da Fundação para o Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), vinculado ao processo 2016/08717-0.

<sup>2</sup> Interessante utilizar como referência a tese de doutorado de Maria Lúcia Pinheiro (1997) que pesquisou o material publicado na revista *Acrópole* (fundada em 1938 e publicada até 1971) e identificou os mais diversos estilos na cidade entre os anos de 1938 e 1945.

esvaziados e a mudança na legislação da área central impulsionavam diretamente novos empreendimentos na área central. Os escritórios de arquitetos vinculados ao movimento moderno eram contratados para propor construções que abrigassem novos programas (cinemas, teatros, edifícios garagem, sedes de escritórios, habitação multifamiliar) de maneira econômica e racional, como já demonstrado por tantos autores, entre eles MINDLIN (2000), SEGAWA (1999), ANELLI (2001), LIRA (2011), COSTA (2015).

As experiências com novos desenhos, técnicas construtivas e organização espacial se davam não somente na área central, mas, especialmente na região do entorno da Praça da República, ocorria uma concentração de edifícios modernos. É preciso lembrar que as primeiras experiências com arquitetura moderna de São Paulo – as casas de Gregori Warchavichk na rua Santa Cruz (1928) e na rua Bahia (1930), o edifício Columbus de Rino Levi (1934) – anunciavam novas possibilidades de desenho arquitetônico em meio a uma massa de construções com estilos variados construídas “ao gosto do cliente”. Esta mistura poderia ser visualizada tanto nas ruas quanto nas páginas de revistas do período<sup>2</sup>.

Nos cursos de formação de engenheiro-arquiteto, apesar do ensino tradicional, diversos arquitetos assumiram uma postura vinculada aos princípios da arquitetura moderna em sua trajetória profissional. Ainda na década de 1930, eram recém-formados pela Escola Politécnica Vilanova Artigas, Ícaro de Castro

Mello e Oswaldo Corrêa Gonçalves; e pela Escola de Engenharia do Mackenzie College Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Bratke, Henrique Midlin, entre outros. Profissionais que, apesar de ter no início de suas carreiras obras ecléticas, se consolidaram como arquitetos modernos. Além disso, a chegada e atuação de alguns arquitetos estrangeiros na cidade trouxeram novidades para o mercado da construção civil. Entre eles, podemos destacar Jacques Pilon, Franz Heep, Rino Levi, Lucjan Korngold, Giancarlo Palanti. Além dos estrangeiros, arquitetos cariocas também atuaram com algumas obras modernas em São Paulo: Álvaro Vital Brazil, os irmãos Roberto, Hélio Duarte, entre outros. Já no final da década de 1940, a inauguração dos cursos de arquitetura do Mackenzie (1947) e da Universidade de São Paulo (1948) trouxe novos arquitetos paulistas para o mercado de trabalho.

Depois de décadas de construção, uso e consagração, diversas obras realizadas por estes profissionais foram objetos de estudo e tombamento pelos órgãos de preservação municipal, estadual e federal. No início da década de 1980, foram tombados os primeiros bens modernos em São Paulo a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, de Vilanova Artigas; o Museu de Arte de São Paulo (MASP), de Lina Bo Bardi; e a Casa da Rua Santa Cruz de Gregori Warchavichk (OKSMAN, 2010).

Em março de 2018, o Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e

Ambiental da Cidade de São Paulo) tombou centenas de obras que estavam em estudo há décadas como representativas deste momento de modernização da cidade, dos arrojos tecnológicos, dos novos arranjos espaciais etc. Este processo foi realizado cercado de tensões a respeito da decisão do Conselho que, semanas antes da votação sobre os bens modernos, decidiu pelo não tombamento da vila nos jardins desenhada na década de 1930 pelo arquiteto Flavio de Carvalho levando em consideração os pedidos e manifestações de seus proprietários e pelo entendimento de que a vila estava bastante descaracterizada.

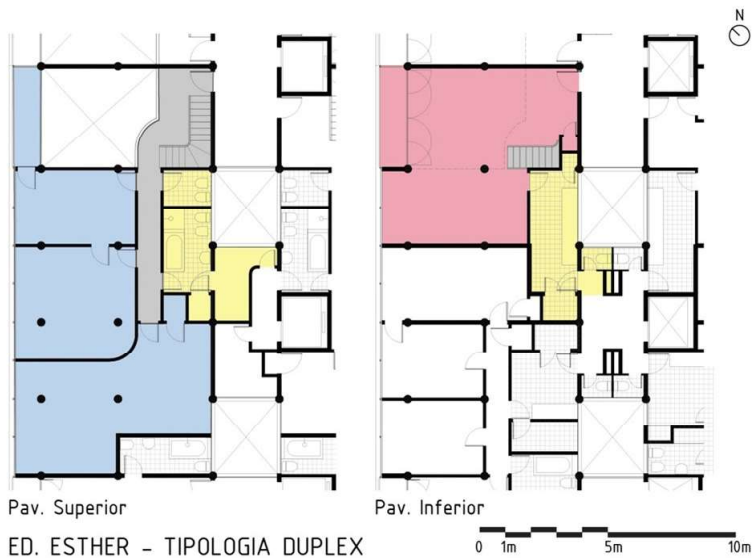
A reivindicação dos moradores da Vila de Flavio de Carvalho revela uma questão séria que precisa ser discutida e profundamente analisada quando se trata da relação entre usuários e bens protegidos. Como é possível habitar um edifício projetado e construído em um outro momento da história e que muitas vezes não atende às práticas domésticas contemporâneas? O tombamento de uma residência refere-se a sua materialidade ou as práticas realizadas e propostas? Como garantir a conservação do imóvel tombado e garantir o conforto e segurança de seus moradores? As questões lançam desafios ao tema do tombamento de imóveis habitacionais e da relação entre órgãos de preservação e de usuários dos bens protegidos. Flavia Brito do Nascimento, em seu livro “Blocos de Memórias”, descreve a trajetória da preservação da arquitetura moderna, especialmente no que se refere

à habitação, e aponta a complexidade da preservação de conjuntos habitacionais de caráter social. Apresenta as questões relacionadas ao conjunto Pedregulho, no Rio de Janeiro, com sua torre sinuosa de apartamento de diferentes tamanhos, dos blocos de apartamentos duplex e dos equipamentos coletivos descrevendo seu processo de construção, usos e o recente restauro (NASCIMENTO, 2017). Neste artigo, foram feitas aproximações com os moradores de dois edifícios modernos consagrados do Centro de São Paulo, buscando compreender suas impressões, expectativas, interesses e práticas cotidianas.

## MODOS DE MORAR NA METRÓPOLE

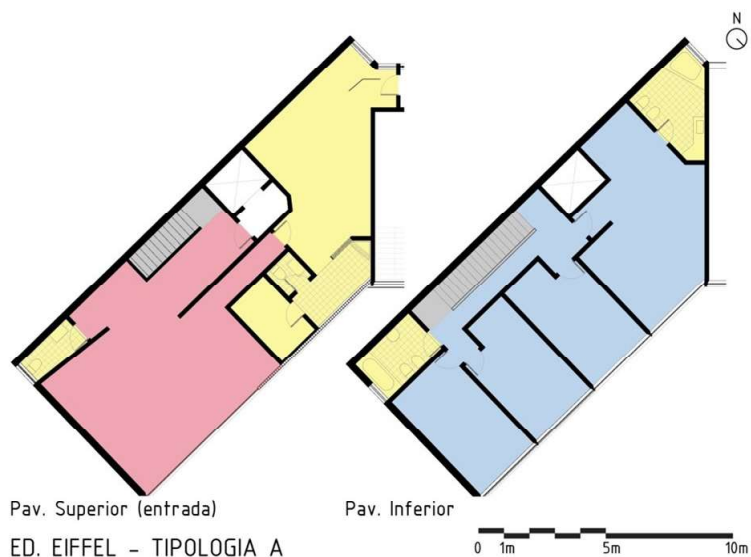
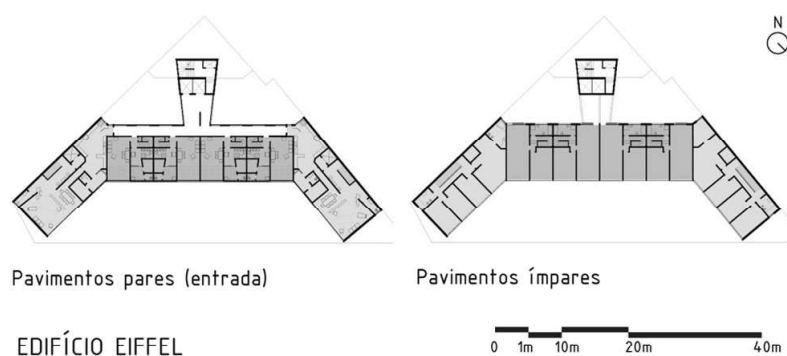
A morada foi objeto de debate e experimentação projetual frequente entre os arquitetos. Entre aqueles vinculados ao movimento moderno de arquitetura, muitas vezes o tema da habitação estimulou tentativas de criar novos arranjos espaciais que incentivassem hábitos para o homem moderno a partir de práticas que garantissem uma vida mais saudável a partir de espaços higiênicos, racionais e estimulante.

Essa questão da habitação coletiva nas metrópoles foi abordada em trabalhos como os de Sampaio (2002), Rossetto (2002), Villa (2002), Bruna (2010), Silva (2013), Bonduki; Kouri (2013), Botas (2017), que demonstraram como a arquitetura moderna buscou construir de maneira racional e eficiente na tentativa



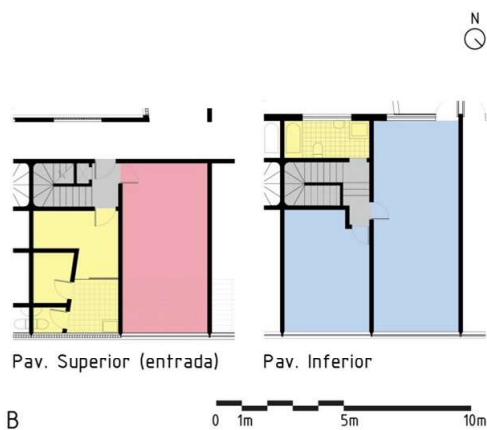
**Figura 01** - Plantas dos apartamentos duplex do Edifício Esther. Legenda: vermelho – áreas sociais; azul – áreas íntimas; amarelo – serviços. Desenhos: Sabrina Costa e Gabriela Piccinini

**Figura 02** - Plantas da torre do edifício Eiffel. Desenhos: Sabrina Costa e Gabriela Piccinini



**Figura 03** - Plantas do apartamento duplex do Edifício Eiffel - tipologia A. Legenda: vermelho – áreas sociais; azul – áreas íntimas; amarelo – serviços. Desenhos: Sabrina Costa e Gabriela Piccinini

**Figura 04** - Plantas do apartamento duplex do Edifício Eiffel - tipologia B. Legenda: vermelho – áreas sociais; azul – áreas íntimas; amarelo – serviços. Desenhos: Sabrina Costa e Gabriela Piccinini



de baixar o custo dos empreendimentos e garantir qualidade de vida aos moradores.

Esta pesquisa insere-se neste grupo de discussão ao estudar os apartamentos duplex, sua proposta de organização de espaços físicos, vida doméstica e seu estado atual. Estes exemplares apresentavam uma organização setorial – íntimo, social e de serviços – que ocorria a partir da distribuição em diferentes pavimentos. O primeiro exemplar conhecido do conjunto de apartamentos duplex modernos é o Narkonfim (1928-1929), projetado pelo arquiteto russo Moisei Guinzburg, coordenador do Comitê de Construções Estatais. Sua proposta inovadora organizava as células habitacionais de 27 a 30 metros quadrados (cujas funções se distribuíam em dois pavimentos), que ao serem agrupadas e somadas aos equipamentos coletivos (creches, cozinhas, lavanderias) formavam *dom komunna* ou residência comunal (COHEN, 2013).

No Brasil, as primeiras iniciativas associadas aos apartamentos duplex vinculavam-se às iniciativas governamentais de produção de moradia. No entanto, outros empreendimentos modernos com esta tipologia foram propostos na cidade de São Paulo, com áreas maiores, em localizações privilegiadas e voltados para um público de alto poder aquisitivo. Aqui, trataremos dos conjuntos Esther (Vital Brazil e Adhemar Marinho, 1937) e Eiffel (Oscar Niemeyer, 1951) para entender sua proposta de habitação, sua preservação e o uso por seus moradores.

O Edifício Esther foi um empreendimento da família Nogueira, dona de

usinas de açúcar no interior do estado, concretizado a partir de um concurso de arquitetura. Os cariocas Vital Brazil e Adhemar Marinho apresentaram soluções inovadoras ao edifício: planta livre, espaços flexíveis e janelas corridas nos andares de escritório, diferentes recursos de proteção à insolação nas diversas fachadas. Com um programa multifuncional – lojas comerciais no pavimento térreo, salas de escritório, apartamentos simples e os duplex – o edifício marcou a paisagem do Centro de São Paulo e foi destaque no catálogo da exposição “Brazil Builds” com a apresentação de Philip Goodwin: “fôra difícil encontrar melhor arranjo para a vida moderna do que o existente neste bonito edifício de apartamentos” (GOODWIN, 1943, p.118). Os duplex – denominados pelo arquiteto Vital Brazil como “apartamentos duplos de luxo” (ATIQUE, 2013, p.201) – eram compostos por uma sala de estar com pé direito duplo, vestíbulo, escada, sala de jantar, cozinha, dispensa e dependências de empregados. O nome dos primeiros moradores – localizadas em listas telefônicas do período – demonstra que o conjunto era procurado por pessoas com alto poder aquisitivo e empreendedores, a exemplo de Ferdinando Matarazzo (sobrinho do Conde Matarazzo) que foi dono da antiga Usina Amália e sócio no banco Intercontinental, Marcel Levy (empresário) e José de Oliveira Pirajá (advogado formado na USP e explorador de carvão mineral em São Paulo).

Já o edifício Eiffel (1953-55) foi projetado por Oscar Niemeyer, com a



colaboração do arquiteto Carlos Lemos, como um empreendimento da Companhia Nacional de Investimentos (CNI), buscando atrair as classes mais ricas. O conjunto arquitetônico reúne 54 apartamentos duplex de 2, 3 e 4 dormitórios, com áreas que variam entre 120 e 200 metros quadrados. Seus anúncios do período ressaltavam sua localização privilegiada e a separação entre partes nobres e de serviço. Em seu térreo, uma galeria com lojas que se implantam em um desenho sinuoso, a exemplo de outras galerias de Oscar Niemeyer (COSTA, 2015).

As entrevistas com moradores, funcionários e síndicas dos dois edifícios revelam que o perfil dos residentes se modificou bastante nas últimas décadas. Enquanto os primeiros moradores estavam interessados em grandes apartamentos, numa bela localização no Centro de São Paulo e tinham condições financeiras bastante favoráveis, na última década, o edifício é procurado por artistas, arquitetos e designers interessados no desenho, na vista e nas facilidades da vida na área central. As entrevistas foram fundamentais para revelar interesses, práticas e gostos.

### **A ESCOLHA POR MORAR NO CENTRO**

Ao longo da pesquisa, a história oral foi usada como ferramenta para analisar a relação dos usuários com a memória de seus lares. Assim, foram realizadas entrevistas com os moradores dos apartamentos duplex para compreender a

apropriação e transformação dos espaços ao longo das décadas.

Entendendo a memória como um processo de reelaboração permanente do passado no presente, onde informações são conservadas e outras apagadas, em processos contínuos e renovados. Essas memórias são individuais e coletivas, ligam-se à vida social e especializam-se, mas ter acesso a elas tem se mostrado um desafio constante nessas histórias. É possível comparar a procura por memórias e narrativas dos moradores ao desafio de acessar as histórias particulares escondidas no cotidiano das famílias e guardadas em seus arquivos familiares. Uma referência forte para esta pesquisa foi o trabalho coordenado por Graciela de Garay (2002) sobre o conjunto habitacional Miguel Aleman, na cidade do México. Sua equipe – formada por historiadores, sociólogos, antropólogos e latinoamericanistas – desenvolveu ao longo de 3 anos (1997-2000) o levantamento de testemunhos dos moradores na relação com os espaços físicos, suas propostas teóricas e os desafios da conservação do conjunto arquitetônico. Inaugurado em 1949, o complexo arquitetônico foi financiado pela Dirección de Pensiones Civiles y de Retiro a partir do projeto de Mario Pani. Apresenta influências diretas das ideias de Le Corbusier, entre elas, a crença do crescimento regular e racional da cidade a partir da concentração ordenada de pessoas e serviços. Assim, o complexo abriga aproximadamente cinco mil pessoas em suas nove torres de apartamentos.

Habrà que hacer entonces la historia del lugar sin perder de vista em los testimonios de sus habitantes tanto sus procesos de apropiación y la dotación de sentidos que comparten a través de sus lecturas del multifamiliar, como la mediación del tempo y la memoria que, a su vez, explica las relaciones de los hombres y las mujeres com sus lugares (GARAY, 2002, p. 14).

A riqueza deste trabalho estimulou o desenvolvimento da pesquisa de pós-doc realizada entre 2016 e 2019 na Unicamp. No entanto, compreende-se que os conjuntos aqui abordados são de outra escala (edifícios uma quantidade bem menor de apartamentos), sem os equipamentos coletivos de apoio e inseridos numa dinâmica urbana específica (o Centro de São Paulo).

A aproximação com os moradores dos edifícios Esther e Eiffel se dava a partir de uma apresentação do projeto para os síndicos dos condomínios e, quando autorizado, o envio de cartas de apresentação e solicitação de uma entrevista e reconhecimento do imóvel.

Uma das questões que permeiou as conversas com os moradores dos dois edifícios inevitavelmente foi a relação com o Centro. A localização na área central, o acesso à infraestrutura de transporte, a comodidade de estar em um bairro tão rico de comércio, serviço e cultura aparece em falas de moradores com perfis bastante diversos.

O fato de eu estar morando no centro, eu estou valorizando uma cidade que é para todo mundo, não é só para

mim que estou pagando imposto, que pago IPTU e tenho que ficar afastada dessa gente. Com o valor que eu desembolsei para comprar esse apartamento, eu poderia muito bem comprar um apartamento de condomínio fechado com piscina, com lazer, com academia, salão de beleza, quadra de tênis... Mas para mim, filosoficamente e politicamente, isso é um ato de amor a cidade (JNS, moradora há 3 anos<sup>3</sup>).

Metrô no meu quintal. Olha o metrô ali, a entrada, na Caetano de Campos! Tudo o que você quer, você encontra aqui. Supermercado, lojas de roupa, sapato ali na Rua do Arouche. Dia de sábado e domingo, feirinha, uns doces... Tem um senhor ali, Damiano, que faz uns bolos maravilhosos! (NN, moradora há 9 anos<sup>4</sup>).

Tudo aqui é muito fácil de ir... Tanto é que as minhas amigas que não moram em São Paulo, quando vem... Tem outras amigas que podem ficar... "Não, queremos ficar na sua casa que é perto de tudo". Quem está sem carro tem facilidade para ir em qualquer lugar, então hoje eu não gostaria de me mudar do Centro (EK, moradora há 22 anos<sup>5</sup>).

A vontade que é botar um neon aí "venham para o centro", porque ainda está muito ocioso. Tem muita unidade de vaga ainda e a facilidade de acesso, de infraestrutura, é absurda (MB, morador há 20 anos<sup>6</sup>).

As pessoas me perguntavam assim "mas você vai para a Praça da República? Mas a Maria tem um ano!". Eu pensava "gente, mas ela vai crescer". Eu não vou precisar da Praça Buenos Aires para ela brincar (CT, moradora há 16 anos<sup>7</sup>).

<sup>3</sup> Entrevista realizada com a senhora JNS no edifício Eiffel, em 07 de abril de 2017.

<sup>4</sup> Entrevista realizada com a senhora NN no edifício Eiffel, em 02 de maio de 2017.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com a senhora EK no edifício Eiffel, em 11 de abril de 2017.

<sup>6</sup> Entrevista realizada com o senhor MB no edifício Eiffel, em 11 de abril de 2017.

<sup>7</sup> Entrevista realizada com a senhora CT no edifício Eiffel, em 11 de março de 2017.

**DOMESTICIDADE E MEMÓRIA DOS MORADORES**

Para melhor sistematizar as respostas e ajudar na comparação dos dados obtidos, foram elaboradas fichas de entrevista com perguntas específicas aos moradores de cada um dos objetos de estudo. As perguntas estão agrupadas de acordo com três objetivos principais: traçar o perfil dos ocupantes do apartamento e melhor compreender as reformas feitas no apartamento ao longo dos anos. Registrou-se também em planta as modificações ocorridas nos apartamentos dos entrevistados, comparando-se situação atual dos apartamentos às plantas originais encontradas na FAUUSP.

As conversas tinham uma duração média de uma hora, quando ocorria uma sequência de foto dos interiores. Este momento era especialmente rico porque os entrevistados sentiam-se mais à vontade para explicar suas práticas cotidianas e seus gostos a partir dos objetos expostos, das escolhas dos materiais e das reformas.

Nas entrevistas realizadas com os moradores do edifício Eiffel, foi relatado que os apartamentos se encontravam em estado de abandono e degradação muito grande na hora da compra. Esta informação se refere especialmente aqueles que mudaram para o conjunto nos últimos vinte anos e relatam a necessidade de rever as instalações hidráulicas e elétricas antes de se mudarem para os apartamentos. JN conta que “esse apartamento estava totalmente detonado. Ele estava fechado há mais ou menos oito meses.

Ele não tinha ninguém morando e ele estava absolutamente precário”. O depoimento dela é muito parecido com o de MB e o de tantos outros no Eiffel: “Tudo ferrado. O apartamento... O proprietário me falou que ele estava fechado já há dois anos. Assim, ele estava todo acarpelado, como aquele carpete grosso velho”.

No caso do edifício Esther, é perceptível que o mesmo passa por um processo intenso de transformação de seus usos e espaços físicos. Dos quatro apartamentos duplex do edifício, apenas dois funcionam atualmente como moradia. Um escritório de perícias e contabilidade funciona há 25 anos no apartamento 904 e seu proprietário, o contador SM, relatou que a escolha deste espaço se deu especialmente pela localização, na área central e em frente ao metrô. Seu espaço sofreu uma reforma que se marca especialmente pelo fechamento do pé direito da sala com uma laje e pela divisão interna do pavimento superior para abrigar as áreas de trabalho do escritório. Antes de sua empresa de contabilidade, lá funcionava um escritório de advocacia. SM explica que “precisava reintegrar o apartamento e deixar o escritório funcional e também apresentável para os clientes”<sup>8</sup>.

A senhora RP, moradora de um dos apartamentos duplex do Esther, destaca os atributos modernos do edifício:

**Além de supermoderno, arrojado o projeto, super ventilado, eu me sinto presenteada de ter essa oportunidade. Eu nunca pensei, nem para o meu pai quanto mais para mim, ele era uma superestrela. Para mim, é uma**

<sup>8</sup> Entrevista realizada no escritório de contabilidade no dia 12 de maio de 2017.

jóia muito grande. Infelizmente, por causa da minha idade e problemas pessoais, eu não pude curtir esse apartamento com eu teria gostado. (...) Quando as pessoas vêm aqui, todo mundo adora. Essa arquitetura é maravilhosa, é moderno até hoje, imagina naquela época. É gostoso, as formas, as linhas retas, os materiais... Essa escada, por exemplo, pode ser bonita no canto, onde for, eu nunca teria posto essa escada aqui porque eu adoro as linhas modernas desse prédio. Adoro, não cansa nunca, é uma arquitetura deliciosa para você morar, você pode botar qualquer objeto aqui dentro que fica bonito, decorativo.

O arquiteto BG é o proprietário do apartamento 905 desde 2008. Ele foi morador do Esther, mas no momento da entrevista, estava colocando o imóvel a disposição para aluguel, para tanto, realizou uma pequena reforma que ressaltava as características do espaço original: retirou a laje que fechava o pé-direito duplo, restaurou as janelas em fita e pintou as paredes de branco. BG<sup>9</sup> conta que estava procurando um espaço na região central quando achou o imóvel a venda por um bom preço. Ele, como um admirador da arquitetura moderna, já se interessa pelo edifício. O apartamento era utilizado anteriormente como salão de beleza e estava descaracterizado: “quando eu comprei, isso aqui estava cheio de parede. Entendeu? Estava cheio daquelas divisões que tem em cabelereiro”.

O morador denuncia o descaso com os gestores do edifício tem com as áreas comuns e exemplifica mostrando com

os fossos internos do edifício. “Os fossos nunca foram limpos. O que é que custa chamar uma empresa para chamar isso aí? Dar um trato?” e demonstra a importância do edifício: “foi o primeiro edifício modernista da América Latina”. Ou seja, reconhece o edifício marcante na historiografia da arquitetura moderna brasileira. O apartamento duplex abriga desde outubro de 2017 o Studio Pharus, uma galeria de arte contemporânea, que funciona também como residência artística para desenvolvimento de projetos específicos.

O edifício Esther perde lentamente seu programa habitacional e acolhe funções cada vez mais diversas em seus espaços. Além do salão de cabelereiro que foi instalado no apartamento 905, um dos apartamentos abrigou, entre 2004 e 2012, uma mesquita que recebia muçumanos de origem africana na região central da cidade. As intervenções que foram feitas recentemente deram maior visibilidade ao edifício. Um apartamento da cobertura foi convertido em um restaurante que executou reformas que perturbam a leitura do conjunto, entre elas o fechamento do terraço com uma cobertura provisória e a instalação de um guarda-corpo de vidro. O mesmo empreendedor inaugurou uma padaria no térreo alterando o caixilho e o fechamento do espaço original.

A situação é bem diferente no edifício Eiffel. CT, atual síndica contou que, no início dos anos 2000, ainda era possível encontrar consultórios de psicólogos, escritórios de contabilidade, produtoras e

<sup>9</sup> Entrevista realizada no apartamento do edifício Esther no dia 14 de abril de 2016.

<sup>10</sup> Entrevista realizada com a senhora AAP no edifício Eiffel, em 20 de março de 2017.

outras atividades nos apartamentos. Atualmente todos tem função residencial.

As entrevistas com os moradores deste conjunto apontam que, nos últimos dez anos, uma nova geração de interessados tem ocupado o prédio. É também comum no Eiffel a presença de arquitetos que, de alguma maneira, acabam por intervir no projeto original e por adaptar o apartamento às demandas da vida contemporânea: cozinhas integradas, estrutura aparente e novos acabamentos internos.

O tamanho da cozinha e a presença do quarto de empregada são sempre citadas entre as reformas internas. JNS, moradora de um dos apartamentos do corpo central, mostra-se convencida da necessidade de integração entre a cozinha e a sala: “Eu estava convicta antes de falar com qualquer arquiteto de que este negócio tinha que ser aberto para a sala, que a cozinha tinha que ser aberta para a sala como o apartamento da Renata [outra moradora]. Porque o que existia aqui era tipo um quartinho de empregada e um banheiro que eu olhando daqui, de onde a gente está para lá, achava que era um corpo estranho”. Assim, como afirma a senhora AAP<sup>10</sup> “a cozinha era minúscula então a gente tirou o quarto de empregada e aumentou a cozinha”, e a senhora EK “eu aumentei [a cozinha] porque era bem menor! Porque o original, ele tinha uma área de serviço que vinha até aqui. A minha cozinha era um “L”. Era assim e aqui. Então eu tirei esse quartinho”.

Além disto, alguns moradores informam que adaptaram um dos quartos para acolher um escritório em casa,

também esta é uma reforma que responde a um modo de vida diverso daquele da época do projeto.

No que se refere ao conjunto, é visível problemas como o do deslocamento das pastilhas, infiltrações e a ocupação de áreas comuns, que demonstram a complexidade da conservação física do bem. Além disso, a mudança dos caixilhos de ferro por esquadrias de alumínio é um dos maiores impactos que as reformas do apartamento causam no aspecto geral do prédio. A maioria dos apartamentos visitados tem instalada uma nova esquadria com um desenho muito próximo ao original, mas com diferença de coloração na pintura dos dois materiais e algumas alterações modificam a leitura da fachada. Alguns moradores justificam a mudança, entre eles o senhor AL que explica que “a de ferro, ela é muito mais bonita porque ela é fina. Só que ela não impede o ruído como a de alumínio” e a senhora EK conta: “tirei aquelas janelas de ferro que eram pesadas. Nossa! Quando eu ficar velha eu não vou conseguir mexer nas janelas”. Essas transformações interferem na leitura do bem tombado, como também na qualidade de vida de seus moradores.

Esta é uma questão que se coloca para a questão da preservação de habitação: como adequar as moradias para o cotidiano de moradores sem interferir no bem? Até que ponto o tombamento pode interferir na privacidade e no conforto de seus moradores? Questões como essa tem sido levantadas em casas, edifícios, vilas e conjuntos habitacionais.

Mesmo diante do desafio de morar em um edifício tombado, diversos moradores revelam um certo orgulho desses espaços. As entrevistas revelam a descoberta do conjunto, de seus espaços e de sua autoria.

Eu estava procurando um apartamento para levar minha biblioteca e a ideia era exatamente ao longo da Avenida Paulista, para eu começar a pensar em lazer, cinema, coisas desse tipo. Retornando de um congresso, uma colega da sociologia que morava aqui no prédio, disse “o melhor lugar de São Paulo para morar é onde eu moro”. (...) Sou apaixonada aqui pelo prédio apesar de algumas reclamações mas é realmente aquilo que a minha colega disse, é perto de tudo, é fácil e aqui eu ando! (RR, moradora há 21 anos<sup>11</sup>).

Eu fiquei meio impactada assim pelo espaço que era muito amplo, pela localização, metrô na porta, não é? É tudo à sua mão. Maravilha. (JNS, moradora há 3 anos).

Tem uma coisa interessante que é os quartos ficarem embaixo da sala, você não fica direto no andar dos quartos. O barulho que vem dos quartos é do barulho do seu próprio apartamento (LG, morador há 18 anos<sup>12</sup>).

Tinha a coisa da galeria do térreo que eu acho simpática. Nessa época [de procura por um apartamento para comprar], eu já estava ganhando pela ideia de morar aqui porque eu achei interessante aqui. Uma época que tinha algum projeto da cidade, de convívio das pessoas, que era o mais interessante. Começando a andar nos prédios, você sentia isso. Tem essas coisas base, tinha apartamentos supergrandes, apartamentos médios e apartamentos

pequenos, tudo no mesmo prédio e as pessoas se entendem super bem. (LG, morador há 18 anos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou aproximar-se dos moradores de dois edifícios modernos oficialmente preservados e localizados no entorno da Praça da República. Sua proposta de moradia remete-se diretamente às experimentações espaciais propostas pelos arquitetos vinculados ao movimento moderno na primeira metade do século XX.

Tanto o Esther quanto o Eiffel apresentam unidades habitacionais em bom estado de conservação. No entanto, os conjuntos estão com as áreas comuns comprometidas. Fachadas, coberturas e acessos precisam de obras de restauro e manutenção que garantam a integridade do bem. As falas dos moradores demonstram a percepção para as questões de conservação, como destaca a moradora do Eiffel a senhora EK: “posteriormente que começamos este trabalho, tentando recuperar o prédio. Na verdade, nosso sonho de moradores era conseguir um patrocínio e restaurar o prédio, mas não sei se vamos conseguir. (...) O ideal seria restaurar todas essas pastilhas que estão hoje desgastadas”. No entanto, essas questões aparecem de maneira mais clara no que se refere aos espaços de uso coletivo do que nos espaços domésticos. As trocas das esquadrias e o fechamento de alguns terraços não é compreendido

<sup>11</sup> Entrevista realizada com a professora RR no edifício Eiffel, em 02 de junho de 2017.

<sup>12</sup> Entrevista realizada com o senhor LG no edifício Eiffel, em 26 de março de 2017.

como ações que possam comprometer a leitura dos bens protegidos.

Nos dois edifícios, as visitas aos apartamentos revelaram alterações constantes nos imóveis. No caso do Eiffel, o hall de entrada foi ampliado pela demolição de uma parede que dividia a entrada, a sala e a escada; os acabamentos originais – granilite, cerâmica preta e pastilhas – foram trocados por outros materiais; o quarto de empregada foi demolido e, em muitos casos, integrado à cozinha, provavelmente porque não é mais tão comum funcionários que dormem na casa de patrões; os dois grandes quartos nos apartamentos da tipologia B foram transformados em três de tamanho médio; e o armário embaixo da escada mudou de função em vários apartamentos, transformando-se em banheiro, closet ou em mais espaço

para o quarto. No caso do Eiffel, além da mudança de uso – um apartamento convertido em escritório de contabilidade e outro em residência artística – era comum o fechamento com uma laje do pé-direito duplo da sala de jantar, e a abertura da cozinha para a sala. Neste edifício, o estado de conservação do conjunto constitui um problema mais grave do que o das unidades habitacionais.

As entrevistas com os proprietários dos apartamentos duplex tiveram como finalidade compreender as diferentes formas de habitar, ocupar e transformar o espaço decorrentes dos modos de morar propostos e os concretizados. Compreendendo a apropriação desses espaços e lançando luz às questões do cotidiano dos moradores em conjuntos habitacionais modernos.

## REFERÊNCIAS

- ANELLI, Renato. **Rino Levi: Arquitetura e cidade**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.
- ATIQUÊ, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. 2ª. Edição. São Carlos: RiMa, 2013.
- COHEN, Jean Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889**. Uma história mundial. São Paulo, Cosac & Naify, 2013.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Edifícios modernos e traçado urbano no Centro de São Paulo (1938-1960)**. São Paulo: editora Annablume, 2015.
- GARAY, Graciela de (Coord.) **Rumores y retratos de un lugar de la modernidad: historia oral del Multifamiliar Miguel Alemán 1949-1999**. México: Instituto Mora; UNAM/ Facultad de Arquitectura, 2002.

- GOODWIN, Philip L. **Brazil Builds: architecture new and old 1652 – 1942**. Nova York: MoMA, 1943.
- LIRA, José Correia Tavares. **Warchavchik: Fraturas da Vanguarda**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MIDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro, Acroplano/IPHAN, 2000.
- PRUDON, Theodore H. M. **Preervation of modern architecture**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2008.
- NASCIMENTO, Flavia Brito. **Blocos de Memórias: Habitação Social, Arquitetura Moderna e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Edusp, 2017.
- OKSMAN, Silvio. **Contradições na preservação da arquitetura moderna**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2017. (tese de doutorado).
- PINHEIRO, PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. **Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45**. (Tese de doutoramento). São Paulo, FAUUSP, 1997.
- RIVERA, David. **Dios está em los detalles. La restauración de la arquitectura del Movimiento Moderno**. Valencia: General de Ediciones de Arquitectura, 2012.
- ROSSETTO, Rossella. **Produção imobiliária e tipologias residenciais modernas em São Paulo – 1945/1964**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002. (tese de doutorado).
- SAMPAIO, Maria Ruth A. de (org.). **A Promoção Privada da Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna (1930-1964)**. São Carlos, RiMa, 2002.
- SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço. Habitar, fundar, distribuir, transformar**. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2016
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1999.
- VILLA, Simone Barbosa. **Apartamento metropolitano**. Habitações e modos de vida na cidade de São Paulo. São Carlo, Escoa de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2002. (dissertação de metrado).